

JORNALISMO DE GUERRA: ousadia de repórter em busca de boas histórias.

RESUMO:

O jornalista Klester Cavalcanti, um dos mais importantes e premiados jornalistas do país, em 2012, esteve na Síria para cobrir a guerra civil, foi preso, mas trouxe informações e experiências importantes, que deram origem a seu livro.

O artigo de Giulianne Kuiava, além da qualidade literária, destaca-se pelo viés inesperado, que é a marca do bom jornalista: responsabilidade do profissional consigo mesmo e sua sobrevivência.

ARTIGO:

Algumas áreas do jornalismo são fascinantes, mas parecem estar longe do alcance da maioria das pessoas. O jornalismo de guerra é uma delas. Qual estudante, recém-formado, ou profissional consagrado não sonha em fazer uma cobertura em meio a cidades devastadas, e poder contar a história das pessoas que vivem nelas? Creio que isso já passou, em algum momento, pela cabeça de muitos.

O jornalismo, afinal de contas, é isso. É a paixão pelo inusitado, é o frio na barriga, é o gosto pela aventura. Na teoria é tudo muito entusiasmante, mas como é na prática? Nascido no estado de Pernambuco, Klester Cavalcanti respondeu a essa pergunta. Em palestra ministrada nas Faculdades Integradas do Brasil, no início do mês de abril, Klester instigou ainda mais os aspirantes a jornalistas.

O tema era o jornalismo de guerra. O assunto foi sua ida à Síria, como único jornalista brasileiro a cobrir a guerra civil e chegar à cidade de Homs. Foi uma conversa daquelas que te faz prestar atenção do início ao fim. Sem sequer desviar o olhar do locutor.

O foco, no entanto, foi mais voltado ao lançamento do seu livro: "Dias de Inferno na Síria". O jornalista narrou os acontecimentos e chegou até a ler alguns trechos da obra. O que era para ser uma reportagem para a revista IstoÉ, acabou por tomar dimensões maiores.

Klester chegou sozinho a Síria de forma legal, com visto para a imprensa. Mas, ao sair da capital Damasco e chegar à cidade de Homs, foi preso pelo exército. Ficou seis dias em cárcere junto com 20 muçulmanos que acabaram virando seus amigos. Ele tinha certeza que ia morrer, mas foi libertado após a interferência do governo brasileiro, através da Embaixada do Brasil na Síria. A experiência rendeu ainda mais visibilidade ao jornalista que já tinha livros publicados.

Após a palestra, comecei a refletir sobre as histórias que havia escutado. Achei em parte fantástica a experiência que Klester nos transmitira. Mas, ao mesmo tempo, comecei a me perguntar: até onde pode ir, sem prejudicar o trabalho, a insistência e teimosia do jornalista? Klester voltou com uma história incrível, tanto que lhe rendeu um livro. Mas ele não poderia ter voltado com mais histórias e mais materiais jornalísticos se não tivesse sido preso? Creio que sim. E se Klester tivesse sido morto na prisão, de que adiantaria todo seu esforço para preservar as fotos e vídeos que fez por lá? Entendo que o jornalista tem como instinto correr atrás dos fatos sem seguir recomendações, mas sei que às vezes a história pode ser prejudicada. Klester deveria

antes de seguir a Homs ter ido conversar com a Ministra das Comunicações em Damasco, instrução que não seguiu.

Não afirmo, e nem ousaria dizer, que seu trabalho não foi completo. Mas, que foi arriscado, não dá para negar. Em um dos trechos do seu livro, Klester cita que um repórter de um outro veículo talvez o acompanhasse, mas ele não quis. Acho válido tomar a responsabilidade para si. Afinal, duas cabeças pensam melhor que uma, e quanto mais materiais apurados, falando jornalisticamente, melhor. Porém, se isso acontecesse, Klester perderia o posto de o “único jornalista brasileiro a cobrir a guerra civil da Síria”.

Jornalismo de guerra rende audiência. Tragédias, no geral, fazem os números subirem. Até que ponto um veículo deve permitir que seus repórteres embarquem para a guerra, como se fossem soldados armados, com câmeras nas mãos? E da segurança desses jornalistas, quem cuida? Essas são perguntas muitas vezes deixadas de lado diante do brilhantismo e do *status* de ser jornalista de guerra.

Um relatório publicado em dezembro de 2012 pelo *Committee to Protect Journalists* (CPJ) expõe bem esta situação, conforme o trecho:

“O número de jornalistas mortos no exercício da profissão cresceu acentuadamente em 2012. A guerra civil na Síria, um número recorde de assassinatos na Somália, a continuação da violência no Paquistão, e o preocupante aumento dos casos de homicídios no Brasil contribuíram para um aumento de 42 por cento no número de óbitos em relação ao ano anterior”. (<http://www.cpj.org/pt/2012/12/mortes-de-jornalistas-tem-expressivo-aumento-em-20.php>)

A vontade, às vezes inconsciente, de se tornar um herói - aquele que vai até os lugares mais inóspitos, mais perigosos, em meio a bombas e ameaças - pode fazer com que alguns profissionais percam a noção do perigo. E verdadeiramente deem seu sangue pela profissão.

AUTOR:

Giulianne Kuiava – aluna do sexto período do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil.